

Mamutes mortos salvam elefantes vivos

Categories : [Notícias](#), [Notícias](#)

Há estimativas de que 10 milhões de carcaças de mamutes-lanosos (*Mammuthus primigenius*) jazem no subsolo da Sibéria. E debaixo do permafrost – solo permanentemente congelado – da região, mantiveram suas presas de marfim prontas para serem exploradas e comercializadas. Para a sorte dos seus primos, os elefantes modernos.

Essa é a conclusão de dois economistas da universidade de Calgary, no Canadá. [Naima Farah e John Boyce publicaram um estudo preliminar](#) mostrando que a exportação russa de marfim dos mamutes-lanosos, espécie extinta há cerca de 4 mil anos, está reduzindo a caça ilegal de elefantes em cerca de 50 mil animais por ano e, junto, derrubando o preço do marfim em 100 dólares por quilo. Se de fato existirem milhões de carcaças de mamute com presas preservadas, elas seriam capazes de suprir o mercado de marfim por centenas de anos nos níveis atuais.

Entre 2010 e 2012, as vendas de marfim extraído dos mamutes mortos chegaram a 80 toneladas por ano, algo como 20% do total do mercado, que, de resto, é quase todo criminoso, pois o comércio de marfim foi banido pelo [CITES](#) em 1989 -- embora existam exceções que representam pequenas quantidades, como o comércio de troféus de caça, peças de marfim particulares e marfim confiscado pelo governo. O CITES é o acordo internacional que busca evitar o comércio de animais sob risco de extinção.

A contribuição do marfim sob a [tundra ártica](#) pode aumentar a chance de os elefantes modernos não serem extintos como o foram seus primos peludos. Mas os números não são animadores. Entre 1930 e 1940, estima-se que a população de elefantes africanos era de 3 a 5 milhões de animais. No final da década de 70, o número era de 1,3 milhão de elefantes, que caiu para a metade, cerca de 600 mil animais em 89, quando finalmente o comércio de marfim foi banido ao ser incluído no Apêndice I do Cites.

Pela quantidade de marfim ilegal apreendido por governos, os especialistas derivam outros números, como o cálculo de que as apreensões não passam de 11% do mercado total. Estima-se também que o abate ilegal de elefantes é da ordem de 35 mil animais por ano, algo em torno de 5% da população que resta.

Sem a venda do marfim extraído do primo extinto, conservado na tundra ártica, o estudo calcula que seriam mortos 85 mil elefantes africanos, um número que provavelmente levaria a espécie ao colapso e a extinção.

No caso do [mamute-lanoso](#), até 1950, acreditava-se que mudanças climáticas teriam sido a causa da sua extinção. De lá para cá essa hipótese foi desacreditada. Cobertos por um manto de pelos,

dotados de uma grossa camada de gordura e presas enormes, de até 5 metros, esses animais sobreviveram a períodos de glaciação e períodos de temperatura amena. Hoje, é amplamente aceito que foram os seres humanos que os caçaram até o seu fim, assim como mastodontes, tigres-dente-de-sabre e versões gigantes de preguiças, castores e tatus. Boa parte da chamada megafauna que existia nas américas entre 10.000 e 13.000 atrás desapareceu num ritmo e padrão que coincide com a chegada e a expansão dos humanos na região.

A ironia do novo estudo é concluir que os restos de mamutes que extinguimos há milhares de anos talvez salvem o elefante, o qual nos encaminhamos para dar o mesmo fim.

Leia também

<http://www.oeco.org.br/colunas/fernando-fernandez/25422-o-caso-dos-mastodontes-de-barriga-cheia/>

<http://www.oeco.com.br/fernando-fernandez/25265-ultima-chance-para-ler>